

Espaço Discente

A Criança, o Livro e a Biblioteca: o Estudo de Usuário na Educação Infantil

Lilian Moraes

Aluna de Iniciação Científica da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Resumo: *Relato dos resultados de estudo de usuário realizado no segundo semestre de 2009 com alunos da Escola Encontro – Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil, região Oeste da cidade de São Paulo. A pesquisa partiu do seguinte questionamento: onde, o que e como o aluno da Educação Infantil interage com o livro. Para isso, foram aplicados o método de observação participativa não sistemática e um questionário entre pais e educadores. Faz algumas considerações sobre a relação entre a criança em idade pré-escolar e o livro e, nessa relação, a política de oferta de livros infantis no município de São Paulo.*

Palavras-chave: Educação Infantil; Estudo de usuários; Livraria; Leitura.

A quantidade, o horário de funcionamento e a distribuição geográfica das bibliotecas públicas, na cidade de São Paulo, excluem grande parcela da população infantil desse ambiente de leitura. Para suprir essa carência a livraria surge como alternativa preferencial entre as famílias das classes A e B, na concorrência do contato da criança com o livro. É o que sugere um estudo de usuário realizado no segundo semestre de 2009, e apresentado, no final de 2010, como estudo de caso, no II Seminário de Iniciação Científica da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

A pesquisa foi realizada com 77% dos alunos da Escola Encontro – Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil, região Oeste da cidade. Partiu-se do seguinte questionamento: onde, o que e como o aluno da Educação Infantil interage com o livro. Para isso, foram aplicados na escola, o método de observação participativa não sistemática durante a feira do livro e um questionário entre pais e educadores.

Entre os resultados mais significativos analisados, citamos a frequência de contato da criança com o livro e a sua opção pelo gênero narrativo.

Foi observada certa regularidade de visitas dos alunos em livrarias. Entretanto, apenas 10 % deles retiram livros do acervo da escola, isto é, apenas alunos de 4 a 5 anos que estão no último ano da Educação Infantil.



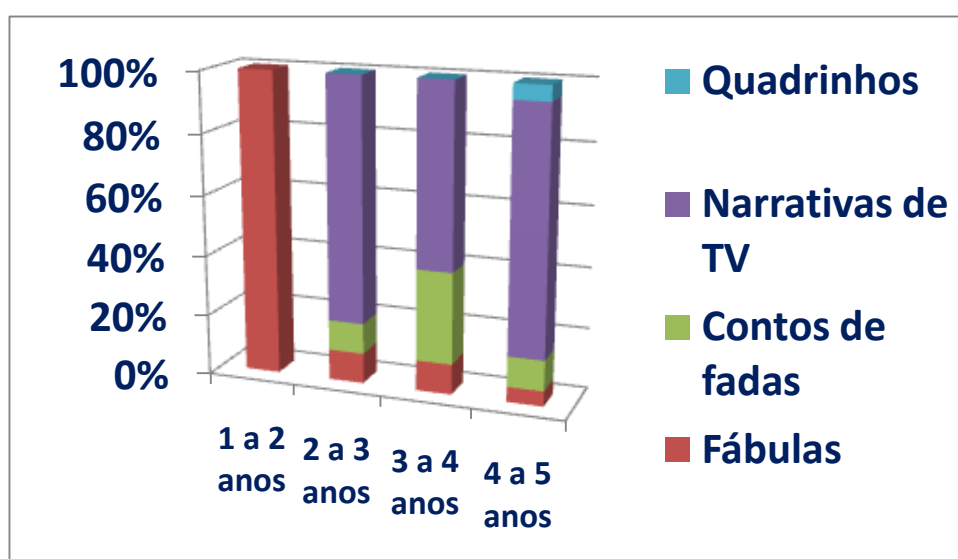
Acesso aos livros

A biblioteca pública, nesse contexto, só é visitada de passagem, por uns poucos alunos (2%).

Entre os gêneros narrativos, os alunos de 1 a 2 anos preferem as fábulas. Esse leque se amplia, a partir dos 2 anos, quando eles passam a se interessar também por contos de fadas e pelas narrativas de personagens que migram da televisão/ cinema para o livro.

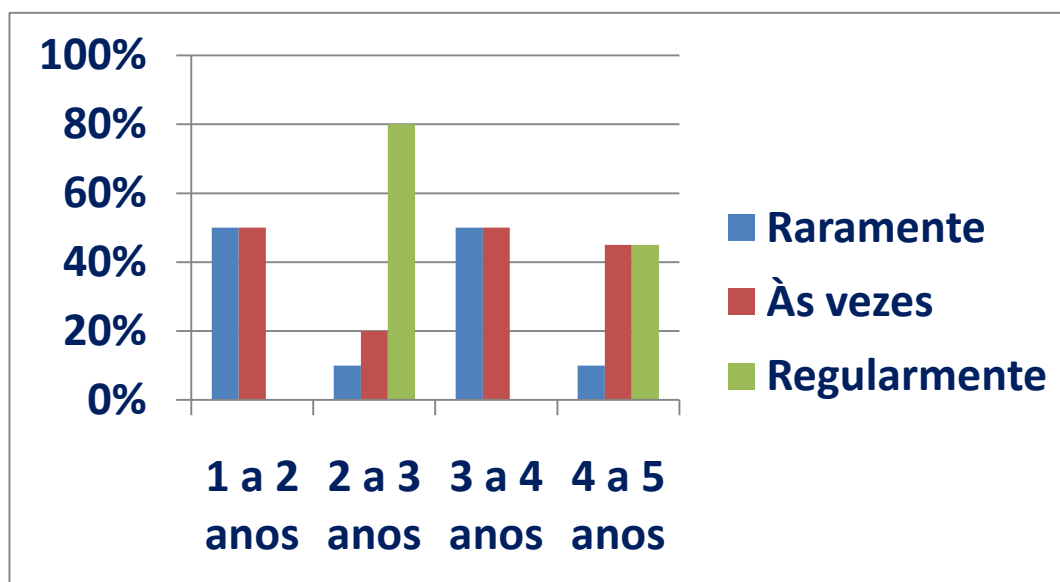
Dos 3 aos 4 anos, os quadrinhos passam a se integrar ao universo narrativo, as fábulas se mantêm e cresce a demanda por contos de fadas. E as narrativas de personagens, embora sofram algum decréscimo, mantém-se como preferência entre os alunos.

Dos 4 ao 5 anos, as narrativas de personagem passam a ser consumidas por 80% deles. Os contos de fadas e as fábulas perdem público e os quadrinhos passam a ser “lidos” um pouco mais.



A escolha dos gêneros narrativos

A leitura é realizada na escola a partir de atividades dirigidas e, em casa, ela é feita antes de dormir, na presença de um adulto e, parece se tornar um hábito regular na medida em que a criança cresce.



Embora a comunidade pesquisada seja pequena, é possível tecer algumas considerações sobre a relação entre a criança em idade pré-escolar e o livro e, nessa relação, a política de oferta de livros infantis no município de São Paulo.

Os dados levantados apontam para um cenário bastante sugestivo se o que se pretende é discutir o impacto causado pela preferência das livrarias em relação às bibliotecas públicas. De um lado, estas existem em número pouco significativo e funcionam em horários em geral não convidativos; de outro, as lojas que vendem livros são numerosas e seus horários, mais flexíveis, o que as torna mais atraentes para os pais de crianças de 1 a 5 anos das classes A e B. Logo, para elas, a livraria acaba sendo o principal referencial de acervo de livros.

Para as crianças das classes C e D a questão se agrava, pois elas têm um acesso menor ao livro enquanto bem de consumo e, além disso, a distribuição geográfica de bibliotecas públicas também não as favorece. Os pontos de leitura e o ônibus-biblioteca tentam remediar a situação.

Assim, o bibliotecário é um *personagem* ausente na vida de grande parte da população infantil da cidade de São Paulo, esse problema tende a ser *apenas* atenuado com a aplicação da Lei 12.224, que universaliza a presença do bibliotecário nas escolas dos

ensinos fundamental e médio, uma vez que a criança da pré-escola estará fora da abrangência da lei.

Ora, mas essa criança já é leitora ou potencialmente leitora. E nessa fase de desenvolvimento, da idade pré-escolar, ela fica sujeito aos ditames da esfera do consumo. Disso se explica, como vimos na pesquisa, a preferência gradual por livros-personagens que migram da mídia televisiva para a mídia impressa.

A relação com o livro passa a se dar em âmbito mercadológico. Assim, a relação com o livro se inicia com um forte componente de consumo e quase nenhum de cidadania. De modo quase coercivo, essa criança será, no universo da leitura, antes cliente do que usuária. E, ao ingressar no ensino fundamental, muito provavelmente, levará hábitos de leitura e juízo de valor conflitante com o espaço da biblioteca escolar. Pois, para ela, o livro será antes um objeto de consumo individual muitas vezes descartável do que um bem de uso coletivo e sustentável.

Conhecer, portanto, o que ela tem consumido de literatura infantil e/ou de narrativas televisivas pode ser uma estratégia política importante do bibliotecário no desenvolvimento de coleções e nas práticas de ação cultural para a biblioteca escolar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: Cohn, G. **Comunicação e indústria cultural**. 3. Ed. São Paulo: Nacional, 1977. p. 287-295.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo, Melhoramentos, 1968.

BARROSO, Maria Alice. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. In. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, vol. 17, n. 12, jan./jun, 1984, p. 12-17.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. IN: **Rev. Bibliotec. Brasília**, v. 10, nº2, jul/dez. 1982.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, 24(9):803-809, set. 1972.

CARVALHO, B.V. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Edart, 1982 (Moderna Escola Brasileira).

GRUPO de Estudo em Biblioteca Escolar. Disponível em < <http://gebe.eci.ufmg.br>>. Acesso em 20 jan. 2011.

MINISTÉRIO da Cultura. Disponível em < <http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em 20 jan. 2011.

PERROTI, E. A criança e a produção cultural. In: **A PRODUÇÃO CULTURAL PARA A CRIANÇA.**/ Regina Zilberman, org./Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (Novas perspectivas, 3) p. 19.

PERROTI, E. A criança e a produção cultural. In: **A PRODUÇÃO CULTURAL PARA A CRIANÇA.**/ Regina Zilberman, org./Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (Novas perspectivas, 3) p. 19.

PORTAL da Prefeitura de São Paulo. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em 20 de jan. 2011.

ZILBERMAN, R. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: **A PRODUÇÃO CULTURAL PARA A CRIANÇA.**/Regina Zilberman, org./Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (Novas Perspectivas, 3), p. 94-115.